



[Brasil pode crescer mais 5% só com melhorias na qualidade da educação - 05:12 10/11/2005](#)

Fonte: O Globo / Mariza Louven

O Brasil já conseguiu levar praticamente todas as suas crianças à escola. Com investimento de quase 5% do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de riquezas produzidas no país em um ano) em educação, quase o mesmo dos Estados Unidos, resolveu o problema da quantidade, mas não o da qualidade, fundamental para melhorar a distribuição de renda e garantir o crescimento da economia, segundo o professor Eric Hanushek, da Universidade de Stanford. Ele diz que, se o estudante brasileiro tiver o mesmo nível de desempenho do aluno português, em 30 anos o país terá uma expansão adicional de 5% em seu PIB.

Hanushek participou ontem do seminário internacional sobre qualidade da educação realizado pela Fundação Getúlio Vargas. O evento também discutiu o retorno da educação sobre o mercado de trabalho, a partir do banco de dados “Espelho Educacional”, do Centro de Políticas Sociais da FGV, colocado à disposição do público na internet.

Economistas concordam que chave é o desempenho

Pesquisas realizadas nos EUA e no Brasil, apresentadas por Hanushek e pelo economista Ricardo Paes de Barros, do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), revelam que a chave para melhorar a qualidade do ensino não é gastar mais, e sim aumentar o desempenho dos professores. Para eles, o ideal seria estabelecer um sistema de avaliação dos professores relacionado ao desempenho, medido pela evolução do aprendizado do aluno, inclusive com prêmios financeiros e punições.

Mas as dificuldades legais (como a estabilidade no setor público) e políticas (oposição dos sindicatos) são grandes. Gláucia Maria D’Elia, de 47 anos, dá aulas de física num colégio estadual e no Pedro II, onde está no topo da carreira. Sabe que mesmo se fizer o doutorado sua renda não vai mudar, devido à estrutura de cargos e salários da escola. Mas, segundo ela, a qualidade do ensino não está relacionada só à melhoria dos salários.

A professora concorda que fixar metas pode estimular o profissional, mas diz que há outras dificuldades a serem superadas. No mestrado em história da ciência, ela descobriu que o programa da disciplina de física, no Pedro II, é praticamente o mesmo de 1926.

— Infelizmente, temos programas defasados de ensino, elaborados para um outro tempo — diz ela.

Durante o evento da FGV, o chefe do Centro de Políticas Sociais da instituição, Marcelo Neri, também apresentou o ranking das profissões que oferecem maiores possibilidades de retorno salarial e de empregabilidade. O estudo foi elaborado a partir dos dados do censo de 2000 e considerou 82 níveis de formação. A análise por trabalho principal, sexo, raça e local, mostra que, no Brasil, os doutores em administração de empresas são os que ganham mais: uma média de R\$ 8.077. Mas suas chances de ocupação são de 90%, menores do que a dos “doutores ao quadrado”, ou seja, médicos com doutorado, cujo salário médio é de R\$ 7.891,05, e que têm probabilidade de 93% de estarem empregados.

Quem tem ao mesmo tempo a chance de ganhar mais e de estar empregado é o médico com doutorado. Estes também são os que trabalham mais: 52,02 horas semanais. Já os formados em teologia estão em terceiro lugar em quantidade de trabalho (49,03 horas), e são os piores em termos salariais.

Ganho de advogado no Rio com doutorado é de R\$ 9.371

No Rio de Janeiro, os advogados com doutorado são os que ganham salários mais altos, R\$ 9.371,30 em média, seguidos dos administradores com doutorado. Elaine Tavares faz doutorado em administração na FGV e, quando concluir o curso, fará parte do grupo de profissionais com chances de obter a maior renda média do país no trabalho principal, de R\$ 8.077.

Artigos Relacionados

[13º salário deve injetar R\\$ 45,9 bi na economia, diz Dieese](#)

[Regras do telefone social podem sair nesta semana](#)

[Desaceleração da indústria intensifica queda dos juros](#)

[Embrapa apresenta tecnologia que transforma capim seco em ração nutritiva](#)